

# Já não conseguia viver dentro do "apartheid"

## — desertor sul-africano, Gerald Andreas Eckert, em conferência de Imprensa em Maputo

N. 3/6/83

por A. Faife (texto) e C. Bila (fotos)

**«Eu vivia bem na África do Sul. Como branco e médico tinha uma situação de conforto e privilégios. Mas, já não conseguia suportar mais o «apartheid», é totalmente contra a minha maneira de pensar. Foi por isso que fugi para Moçambique» — estas palavras são de Gerald Andreas Eckert, o jovem Tenente dos Serviços Médicos militares sul-africanos, que desertou do**

Aguardado com enorme expectativa, este encontro com o jovem oficial desertor do «apartheid» iniciou-se numa atmosfera carregada de tensão. A medida que o batalhão de jornalistas ia disparando as suas câmaras e perguntas, o mal dissimulado nervosismo do entrevistado foi-se dissipando a pouco e pouco.

Pouco antes do final da conferência, o Tenente Gerald Eckert já se permitia alguns ditos de espírito, acolhidos com gargalhadas gerais que o ajudaram a adquirir o total à-vontade com que o encontro terminou.

### «APARTHEID» NÃO TEM CABIMENTO

Aprumado e impecável na sua farda militar de camisa creme, calças e boina bege e galões dourados sobre um fundo cor de vinho aos ombros, o Tenente Gerald Andreas Eckert chegou ao local da Conferência de Imprensa, na ONJ, sem grande aparato de segurança.

Acompanhado pelo Director Nacional da Informação, Mota Lopes, que procedeu à introdução do encontro, o entrevistado tomou lugar no centro da mesa, começando por desejar as boas-vindas a todos os presentes, pontificando-se a responder com franqueza a todas as questões que lhe fossem colocadas.

A imagem deste homem diante das câmaras de Televisão, Cinema e objectivas vindas dos quatro cantos do Mundo ali reunidas, lembra a de um cidadão branco sul-africano comum: despolítico, mas que um dia se engasga nos privilégios reservados apenas aos brancos e enfastia de uma vida que não permite o conhecimento da realidade nacional e resolve rebelar-se contra o odioso «apartheid», como tem acontecido com muitos outros cidadãos brancos, que fogem da África do Sul.

Quais as razões que o levaram a abandonar a África do Sul? — esta a primeira pergunta colocada ao Te-

nente Gerald Eckert, a que o visado respondeu:

— Em primeiro lugar, devo dizer que não fugi da vida que estava a ler nas Forças de Defesa sul-africanas, quero enfatizar que, como branco e médico, tinha muitos privilégios, vivia confortavelmente, mas não conseguia viver tranquilo com a minha consciência.

Detesto e odeio o regime racista sul-africano, porque ele é 100 por cento contra a minha maneira de pen-



«Apesar dos privilégios não conseguia viver a minha consciência tranquila» — Tenente Gerald Eckert

sar. O «apartheid» é algo que não tem cabimento na África do Sul.

O Primeiro-Ministro Pieter Botha fala sempre de reformas na África do Sul, mas quanto mais fala mais se afasta delas. Pieter Botha e o seu Governo tentaram uma política inteligente de dar aos diferentes grupos étnicos reservas, nas quais esses grupos de negros são obrigados a ir viver, sem poderem partilhar do país inteiro e das comodidades que o homem branco tem.

### PORQUÊ VINDA A MOÇAMBIQUE

Mas porquê a vinda a Moçambique?

seu País para Moçambique, onde pediu asilo político. O oficial sul-africano fez estas declarações, numa conferência de Imprensa, ontem, realizada em Maputo, na qual tomaram parte dezenas de jornalistas nacionais, de países vizinhos e correspondentes estrangeiros acreditados em Moçambique.

Esta foi, praticamente, a primeira pergunta «fulminante» que aguçou a curiosidade profissional de todos os jornalistas.

— As razões, que já expliquei, levaram a um processo que durou três anos, porque antes eu não podia sair do país, uma vez que tinha celebrado um contrato de três anos com as Forças de Defesa. A minha decisão final tomei-a em Fevereiro de 82 e resolvi vir para Moçambique porque faz fronteira com a África do



Até agora fui bem tratado pelas autoridades moçambicana e, como vêem, estou vivo

Sul e porque de entre os países vizinhos considero-o o mais acessível.

A uma pergunta sobre se o jovem desertor não receia eventual vingança por parte do regime da África do Sul, dada a proximidade com Moçambique, o Tenente Gerald Eckert concordou que eles queriam, efectivamente, perseguir-me para exercerem vingança, mas não o poderão fazer.

A saída da África do Sul fardado e armado, no momento em que o Exército racista acabava de atacar Matola, foi uma outra questão colocada. Não teria tido o Tenente Gerald Eckert medo de encontrar pelo caminho soldados sul-africanos?

Em resposta, o jovem desertor do «apartheid» disse que foi exactamente essa a razão. Receava encontrar tropas sul-africanas a patrulharem a fronteira com Moçambique.

### CASO ME ACEITEM FICAREI ME MOÇAMBIQUE

A questão de saber se tencionava ficar em Moçambique, Gerald Eckert respondeu que se me derem asilo político ficarei em Moçambique e trabalharei na minha especialidade de médico.

A forma franca e sincera como o entrevistado respondeu a duas perguntas que seguidamente lhe foram feitas, desconcertou positivamente muitos dos jornalistas.

Serena e laconicamente Gerald Eckert respondeu às perguntas o que pensa do ANC? e qual é o moral das Forças Armadas sul-africanas, dizendo que o ANC é uma organização política que está a lutar em condições difíceis para destruir o «apartheid» e que o moral nas Forças Armadas é elevado e com um grau de disciplina alto, na medida em que são brancos e doutrinados para odiar o ANC, por isso farão tudo para reprimi-lo.

— Querá dizer que se juntará ao ANC, para combater contra o regime do «apartheid»?

Já visivelmente refeito do nervosismo inicial, Gerald Eckert respondeu imediatamente:

— Ainda não tomei nenhuma decisão final sobre isso.

### SEGREDOS MILITARES

Na sua posição de oficial das Forças Armadas sul-africanas, naturalmente o Tenente Gerald Eckert teve acesso a determinados segredos militares. Estaria disposto a «passar» esses segredos ao Governo moçambicano?

— As Forças de Defesa da África do Sul integram o Exército, a Marinha, a Força Aérea e os Serviços Médicos, de que eu fazia parte. Sobre os três

primeiros ramos, uma vez que eu não trabalhava lá, não tenho nenhuns conhecimentos, nas sobre o meu ramo estou disposto a dar todas as informações ao Governo moçambicano — esta a resposta do Tenente Gerald Eckert.

Conforme revelou aos jornalistas, o Tenente Gerald Eckert nos Serviços Médicos das Forças de Defesa sul-africanas chefiava uma enfermaria operacional que recebia e tratava feridos da guerra, especialmente da fronteira angolana. De acordo com as suas próprias palavras, há muitos mais feridos recebidos naquele sector do que os números oficialmente divulgados pelo regime do «apartheid».

### COMO VÊEM AINDA ESTOU VIVO

Como foi o contacto com as forças moçambicanas, aquando da sua entrada na fronteira e qual tem sido o tratamento até agora?

Sorridente, o Tenente Eckert respondeu:

— Depois de ter atravessado a fronteira, passando debaixo do arame farpado, comeci a andar pela estrada que vai dar a Moamba, depois encontrei funcionários da Alfândega, que me capturaram e entregaram-me a forças locais. Estas entregaram-me a funcionários do Maputo. Tenho sido bem tratado e, como podem ver, estou vivo.

Sobre se a sua família, esposa e pais, na África do Sul poderá vir a sofrer represálias do regime devido à sua deserção, o Tenente Gerald Eckert afirmou acreditar que possam ser interrogados, mas não molestados.

— O que vai haver é maior rigor na selecção dos futuros oficiais — disse.

A terminar, foi solicitada ao Tenente Gerald Eckert uma mensagem dirigida aos seus ex-colegas, oficiais das Forças Armadas ou a amigos e familiares na África do Sul, ao que o interpelado afirmou:

— O que gostaria de dizer é dirigido aos oficiais das Forças de Defesa sul-africanas e aos brancos em geral, que eu seja um exemplo para eles. Esta é uma forma de lutar contra o «apartheid», não tem sentido, nem cabimento a causa do «apartheid».